

# INTRODUÇÃO

CARLA BASSANEZI PINSKY

Os currículos escolares e o próprio trabalho em sala de aula têm procurado acompanhar o desenvolvimento dos estudos históricos nas universidades. A velha História de fatos e nomes já foi substituída pela História Social e Cultural; os estudos das mentalidades e representações estão sendo incorporados; pessoas comuns já são reconhecidas como sujeitos históricos; o cotidiano está presente nas aulas e o etnocentrismo vem sendo abandonado em favor de uma visão mais pluralista.

Reflexões sobre a **“criação” do fato** histórico ensinado nas aulas de História,<sup>1</sup> as metodologias e as linguagens usadas na **divulgação do saber histórico**,<sup>2</sup> as **abordagens**, conceituais e práticas, a **seleção de conteúdos** e a sempre atual questão **“para que serve?”**<sup>3</sup> têm sido feitas com competência por educadores e historiadores preocupados com o ensino-aprendizagem, em obras ao alcance de todos os interessados em aprimorar seu trabalho com os alunos.

Faltava, entretanto, um livro que tratasse dos **novos temas** ou da releitura atualizada de certos “temas clássicos”. Assuntos como meio ambiente, relações de gênero e direitos humanos têm sido alvo de pesquisas por parte de historiadores há décadas. Porém, ainda andam um tanto distantes da realidade do ensino de História. Não precisa ser assim.

Quem, preocupado com a tradição humanista e ciente de sua relevância para a formação dos jovens do século XXI, seria contrário ao estudo da **cultura** e das artes? Com as **questões ambientais** comprometendo cada vez mais o futuro do planeta, por que não observar seu passado e trajetória junto com os alunos? Nos dias de hoje, em que os avanços da cidadania convivem com violações terríveis dos **direitos humanos**, que tal tratar desse tema em sala de aula? As **relações de gênero** são uma dimensão importantíssima das relações sociais; não há como deixá-las fora do curso de História. Um olhar sobre o **corpo**, que varia com as condições materiais tanto quanto com a cultura, não ampliaria as perspectivas das nossas aulas de História ao iluminar as fronteiras entre o social e o indivíduo? A **alimentação**—importante para a sobrevivência da espécie humana e formadora de hábitos culturais— não é um assunto atraente, capaz de aproximar os alunos da História?

Há também recortes temáticos, velhos conhecidos nossos, cujas abordagens historiográficas mudaram bastante recentemente. É o caso das **biografias**, que passaram de queridinhas a gatas borralheiras nas escolas. Hoje, sob novos olhares, as biografias foram reabilitadas como forma de compreensão do papel do indivíduo na história. Não está na hora de elas voltarem, com sua nova roupagem, aos bancos escolares?

**Ciência e tecnologia** estão na ordem do dia. Deveriam estar nas aulas de História também. Como? Vistas em sua historicidade, questionadas por suas possibilidades e limites, contextualizadas como qualquer outro “fato histórico”, ou “tema de historiador”.

A **História Regional** na sala de aula, capaz de provocar rapidamente a identificação do aluno com a História, pode abrir seus olhos para uma participação maior na comunidade. E a **História Integrada**, para a realidade de sua inserção numa história ampla e global.

*Novos temas nas aulas de História* tem uma ambição. E não é pequena: colocar à disposição de alunos e professores assuntos e abordagens que possam renovar o ensino de História. O livro pode ser útil tanto para os adeptos do ensino por eixos temáticos (ou “temas geradores”) quanto para os que acreditam ser a noção de processo mais bem absorvida por estudos que seguem a seqüência

cronológica (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea...), ou mesmo para os que destacam a História do Brasil da História Geral ou da História da América. Qualquer professor pode usá-lo.

Aquí, não importa o modo como ele prefere “dar a matéria” ou quais recursos didáticos emprega – aula expositiva, leituras de textos, estudos do meio, audiovisuais, visita a museus, trabalho em grupo, ou outros. A proposta de *Novos temas nas aulas de História* é a de que todos os temas apresentados podem e devem ser incorporados como parte do olhar sobre a história no ensino e daí para novas e enriquecedoras visões de mundo.

Este livro foi escrito por “espécimes” cada vez mais raros nas universidades: historiadores preocupados com o ensino de História. Assim, os autores, que também são pesquisadores, dialogam aqui com os professores, sem a preocupação de agradar seus colegas de academia. Ao serem convidados a participar do livro, receberam a recomendação explícita de escrever, em linguagem adequada a professores, textos inéditos concebidos sob encomenda pela organizadora especialmente para a publicação da Editora Contexto. Cumpriram a promessa.

Cada um com seu estilo, simpatias teóricas, interesses próprios e especialização em temas distintos, todos seguiram um projeto e respeitaram um foco duplo: o interesse do aluno e a responsabilidade social do ensino de História.

- Todos respondem qual **a importância do tema** para o estudante;
- trazem exemplos e tratam com clareza dos **conceitos e conteúdos** envolvidos;
- apresentam **sugestões de trabalho** em sala de aula;
- comentam **obras e leituras** que podem ser usadas pelos professores para aprimorar sua formação e preparar as aulas;
- falam de **materiais didáticos alternativos** (romances, filmes, sites etc.) que ajudam a ilustrar o estudo do tema.

O que o leitor vai encontrar aqui?

Kalina Vanderlei Silva explica por que trazer de volta as biografias à sala de aula: por fazerem sucesso entre os jovens, por serem uma forma privilegiada de abordar a “vida privada” e, especialmente, por permitirem o estudo do contexto histórico por meio de um representante, um personagem. Além de demonstrar a fecunda relação entre biografia e pesquisa histórica, o texto exemplifica abordagens distintas como a dos “grandes homens”, da “história vista de baixo”, das “pessoas comuns”, e com trajetórias de figuras tão distintas como Hitler, Zumbi, Che Guevara, Chica da Silva e de anônimos de diversas épocas.

É possível observar a história com um “olhar de gênero” e assim identificar as representações de feminino e masculino em vários contextos e épocas, além de entender as relações sociais que se estabelecem com base nessas representações. O texto sobre o tema, de minha autoria, dá exemplos que vão da Grécia antiga ao Brasil escravista, da Revolução Francesa ao Japão Meiji, do iluminismo ao nazismo, e mostra que não é difícil adotar esse olhar em muitos pontos do currículo escolar. Quase todos.

Marco Mondaini propõe o tema dos direitos humanos como o novo eixo do ensino de História. Resume a trajetória da passagem da “era dos deveres” para “a era dos direitos” e apresenta questões para nortear trabalhos em sala de aula: consciência histórica, pensamento político, conflito social e Brasil contemporâneo. Os resultados de uma educação preocupada com os direitos humanos – qualificada em termos de conteúdo e comprometida com a dignidade da pessoa –, promete o autor, compensam quaisquer esforços.

Para responder “O que é cultura? Como ela se traduz em experiências escolares?”, Marcos Napolitano dá conta dos debates sobre cultura nas Ciências Humanas e nas propostas curriculares. Sugere trabalhos a partir de quatro eixos de discussão (identidade e pluralidade; cultura de massa e consumo; patrimônio e herança; cidadania e poder) e cita conteúdos de História em que eles poderiam ser desenvolvidos. Apresenta a questão cultural para além de clichês e do lugar-comum e demonstra o papel da cultura no jogo complexo entre reprodução e transformação social, alienação e consciência, lazer e formação.

“A história pode ser entendida através da evolução dos hábitos e costumes alimentares”, afirma categoricamente Fábio Pestana Ramos. Seu texto mostra que a alimentação está ligada a questões culturais, religiosas, sociais, ambientais e econômicas. A busca por recursos alimentares mobilizou nossos ancestrais, desenvolveu a escrita, ergueu impérios, provocou revoluções, fomentou trocas comerciais e o intercâmbio cultural, possibilitou o surgimento do capitalismo e esteve nas origens da globalização. Diversos problemas atuais envolvem estoques, produção e distribuição mundial dos alimentos; o estudo do passado ajuda a compreendê-los.

A temática do corpo, no texto de Pietra Diwan, fala de consumismo, moda, saúde, alimentação, esportes, concepção de normalidade, valor da aparência e a relação das vestimentas com o desenvolvimento econômico e político; discorre ainda sobre a legitimação do discurso médico e sobre as diversas manifestações e representações que envolvem a sexualidade e o prazer. Como exemplos, o capítulo mostra o que a História tem a dizer quando analisa o consumo juvenil no século XXI, o nazismo e a variação nos padrões dominantes de beleza feminina.

Marcus Vinícius de Moraes defende a História Integrada como o melhor modo de ensinar História no século XXI. Retoma o percurso das formas de “narrar o Brasil” do século XIX, quando o novo país queria se desligar da identidade portuguesa, aos dias de hoje, em que as propostas oficiais incentivam o ensino de História do Brasil conectada com a Mundial. Fala dos problemas da História Integrada tal qual ensinada nas escolas e procura mostrar como fazer melhor: destacar as conexões entre os fatos históricos; observar as mentalidades mescladas à economia, à política e às sociedades; interligar as questões nacionais às internacionais, o particular ao geral, o local ao global.

Para Marcos Lobato Martins, a História Regional não pode ser ignorada por conta das identidades efetivamente existentes com o “local”, mesmo num tempo de dissolução de fronteiras, ou melhor, até por causa desse processo, como um contraponto. Fala da evolução da idéia de “regiões” desde os tempos pré-modernos. Faz um balanço dos estudos regionais na historiografia. E caracteriza a História Regional como a que estuda, não “o palco imóvel onde a vida acontece”, mas sim os espaços com suas dinâmicas e caráter

próprios; enriquece a explicação das sociedades em suas múltiplas determinações e ajuda a testar as generalizações da História Geral.

Silvia Figueirôa é favorável à inclusão do tema da ciência e da tecnologia (C&T) como forma de enriquecer a visão dos processos históricos, garantir uma sociedade democrática e proporcionar trabalhos interdisciplinares. Mostra que a compreensão das relações entre C&T e sociedade, dos modos de produzir ciência e da inserção da C&T nos aparatos estatais e nas economias só pode ocorrer a partir de um enfoque histórico. Propõe observar a produção dos conhecimentos científicos como algo fruto de contradições, avanços, recuos e disputas, e, ao mesmo tempo, verificar as influências da C&T no curso dos acontecimentos e na dinâmica das sociedades.

Carlos Renato Carola justifica a História Ambiental como arma diante da crise ambiental atual. Por meio dela podemos compreender as relações entre cultura e natureza em distintas épocas e lugares; perceber a diversidade das representações da natureza; observar a espécie humana como *uma* das espécies constitutivas da natureza, cuja existência só é possível com a interação (e não destruição) com o meio natural. O texto trata das questões, das metodologias, das fontes e do estatuto atual da História Ambiental, no mundo e no Brasil. Como exemplos, fala das representações ambientais dos filósofos gregos, dos utopistas e da produção cinematográfica.

Este livro serve, é claro, para pesquisadores iniciantes nos diversos temas apresentados, mas é especialmente dedicado aos professores que querem se atualizar, melhorar seu desempenho profissional e tornar as aulas bem embasadas e mais proveitosas para os alunos. Depois de o ler, acredito que será muito difícil continuar pensando a História ou dando aulas do mesmo jeito.

## Notas

- <sup>1</sup> Como em Jaime Pinsky (org.), O ensino de História e a criação do fato, 12. ed., São Paulo, Contexto, 2006.
- <sup>2</sup> Como em Circe Bittencourt (org.), O saber histórico na sala de aula, 11. ed. 1ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2008.
- <sup>3</sup> Como em Leandro Karnal (org.), História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas, 5. ed. 1ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2008.